





década de 1990 em Fortaleza apresenta um duplo fenômeno. De um lado, as grandes transformações urbanísticas, que já se anunciam desde a década de 70, repetem o que parece ser o destino da maioria das metrópoles brasileiras. De outro lado, discursos sobre a conservação de espaços e monumentos apontam a necessidade de resguardar a “história da cidade”. Revitalizar o decadente e preservar o antigo constituem lemas de gestores ou planejadores urbanos, preocupados em conter a marcha do “todo sólido que se desmancha” (1).

O princípio de revitalização dos centros históricos e instauração de pontos turísticos não se restringe, na realidade, a Fortaleza, sendo comum à considerável maioria das metrópoles brasileiras. Basta lembrar algumas cidades do Nordeste: o Pelourinho em Salvador, os centros históricos de Recife, São Luís e João Pessoa. O crescimento urbano das cidades ou o conjunto de processos convencionalmente nomeados de modernização aparecem, nesse sentido, acompanhados de investimentos materiais e simbólicos em torno da manutenção de equi-

Linguagens

da cidade

e patrimônio:

o diálogo

entre passado

e presente

IRLYS ALENCAR F. BARREIRA é professora da Universidade Federal do Ceará.

¹ Alusão à frase de Marx que serve de título ao livro de Marshal Berman (1982), *Tudo que É Sólido se Desmancha no Ar, a Aventura da Modernidade*.

pamentos que supostamente traduziriam o patrimônio das cidades.

Os processos urbanos de mudança efetivam-se tendo por referência diferentes discursos. Discursos que são fundamento de intervenções ou críticas de cunho social, feitos por intelectuais e estudiosos da temática, normalmente dirigidos aos representantes do poder local.

Repensar a cidade sob a ótica de sua memória, ou de sentidos elevados à categoria de patrimônio, supõe compreender o significado de prioridades e projeções temporais que aparecem como coletivamente construídas, embora sejam objeto permanente de disputas simbólicas. O que se preserva e o que se modifica não são auto-evidentes, fato que remete à questão dos interesses de diferentes atores sociais. O que preservar, como mudar, ou o que mudar são questões que vêm à tona atualmente com mais evidência, alimentando o plano das representações sobre a cidade contidas nos diferentes discursos.

O conjunto de intervenções, discursos e depoimentos, formadores de opinião sobre os processos urbanos contemporâneos em Fortaleza, caracteriza o que nomeio de “diálogo entre passado e presente”. Trata-se de uma metáfora que visa apontar as diferentes formas de evocar o passado, visto sob a ótica tanto de um tempo mítico e sem retorno, como de um tempo vivido em continuidade com os usos contemporâneos do espaço urbano. Com isso quero dizer que a “história ou memória da cidade” materializadas no conceito de patrimônio expressam versões diferenciadas ou visões de um imaginário (2) urbano nem sempre convergentes.

Os discursos sobre a cidade estão circunstanciados a diferentes contextos e múltiplas interlocuções. Destacam-se, nesse sentido, depoimentos e falas sobre a cidade efetivados por cronistas, historiadores, políticos e profissionais do planejamento urbano. A urbe tem sido, portanto, ponto de referência para se nomear a vida social moderna com seus problemas e utopias. Se a cidade que emerge junto com o capitalismo acena com ares de liberdade e ruptura

com o passado, a vida contemporânea citadina aparece muitas vezes como lugar de opressão, conflito e violência, sendo a tradição percebida sob o prisma de uma nova funcionalidade: reformam-se pontes, espaços, casas, monumentos. Tudo parece evocar um necessário tempo de volta.

As transformações atuais pelas quais passa a cidade na sociedade contemporânea ensejam, nesse sentido, discursos freqüentemente alusivos a diferentes temporalidades. Nesse contexto, o espaço e a vida urbanos aparecem como se fossem submetidos a sucessivas perdas que remontam à nostalgia de um tempo anterior de maior sociabilidade e intimidade com a metrópole. Tempo no qual era possível ter controle sobre os processos citadinos.

Essa representação do passado nem sempre apóia-se em uma concepção pessimista. David Harvey, por exemplo, indaga como é possível “construir a próxima camada no palimpsesto urbano de forma a canalizar aspirações e necessidades futuras sem violentar em demasia tudo o que já foi feito antes. Parte do legado do passado terá que ser obviamente descartado. Construções degradadas e em ruínas certamente devem ser demolidas e locais abandonados merecem uma revitalização” (Harvey, 1996, p. 171). O autor prossegue em suas reflexões, argumentando sobre os efeitos da tecnologia na modificação e ampliação de espaços e as conseqüentes reações indutoras da recuperação de um lugar e um sentimento de perda. A perspectiva geral de Harvey é pensar na criação de algo novo, construído de forma socialmente responsável, sem violentar em demasia o que existia antes.

Discutir as linguagens alusivas à cidade supõe uma indagação anterior: em que sentido é possível pensar em construções discursivas sobre a cidade? Wittgenstein (1996, apud Geertz, 1999, p. 111) compara a linguagem a uma cidade: “[...] e quantas casas e ruas são necessárias para que uma cidade comece a ser uma cidade? Nossa língua pode ser vista como uma cidade antiga: um labirinto de pequenas ruas e praças, de casas, velhas e novas, e de casas com extensões construídas em vários perío-

2 Para o conceito de imaginário ver, entre outros: Cornelius Castoriadis (1992) e François Laplantine (1974).

dos; e tudo isso circundando por uma profusão de áreas modernas, com ruas regulares e retas e casas uniformes”. A metáfora da cidade como linguagem suscita o tema dos signos e investimentos culturais que integram diferentes espacialidades. Nesse sentido, os discursos literários, artísticos e depoimentos difundidos nos meios de comunicação de massa constituem registros dos dramas da cidade, suas transformações, perdas e utopias (Canclini, 1997).

As cidades brasileiras, de modo geral, podem também ser objeto dessa complexa reflexão que agora se coloca no início de século, não obstante a diversidade que as caracteriza. No contexto das idéias aqui desenvolvidas tomarei como referência a cidade de Fortaleza, que talvez nesse momento expresse com nitidez uma multiplicidade de discursos articulados a formas de intervenção. Os discursos construídos sobre a cidade e o modo de evocar o passado articulando-o a funções presentes constituem o cerne fundamental das reflexões aqui delineadas. Em termos de material de pesquisa serão considerados artigos de jornais, romances sobre Fortaleza, entrevistas, programas televisivos e documentos que têm como referência o contexto urbano local.

AS CIDADES COMO CAMPO DE INVESTIMENTO SIMBÓLICO

As cidades com seus dilemas e utopias têm sido palco de representações discursivas em várias dimensões criativas da vida social. Desde a mitologia religiosa que se para as cidades malditas (Sodoma, Gomorra), das redentoras (Jerusalém, Roma), passando pela cidade justa de Platão ou as tenebrosas dos contos de Edgar Alan Poe, observa-se que o espaço urbano condensa um conjunto de significações imaginárias. No contexto mais recente da chamada pós-modernidade, as cidades aparecem habitadas por novas dinâmicas de violência e poder reveladas nas formas de sociabilidade e nas diferentes expressões culturais (Harvey,

1996; Jameson, 1994; Featherstone, 1995).

Na escrita literária, nas interações de planejadores e na reflexão filosófica, encontram-se modelos de constituição das metrópoles que aparecem como espaços paradigmáticos de sociedades em variados momentos. Assim, as cidades com seus temores, com acenos de liberdade ou opressão ocuparam parte significativa do pensamento social, não somente permeando as reflexões de teóricos e pesquisadores especialistas, mas também envolvendo aqueles que tomavam por tarefa dirigir os seus destinos. A cidade foi o palco de referência do pensamento clássico, sendo o *locus* a partir do qual se pensava o mundo social. As categorias de espaço e tempo fundamentavam-se no aglomerado urbano, a exemplo do conceito de poder disciplinar em Foucault ou espaço social em Bourdieu. Habermas também pensa a constituição da esfera pública tomando a analogia da cidade, vista como a antítese da corte, pois é naquela que se concentram as instituições, os cafés e os salões.

O imaginário sobre as cidades, evocado em diferentes situações, constitui um rico caminho analítico para se pensar o modo como as circunstâncias históricas viabilizam projeções de sociabilidade urbana, sendo o passado ou o futuro as fontes de referência de onde se constrói o “paraíso perdido” ou a “visão da nova sociedade”. Contemporaneamente, um dos aspectos que vão configurar a perspectiva de cidade idealizada é a possibilidade de assumi-la como projeto de gestão. A cidade emerge como “sujeito político” supondo, na concepção de Castells (1996), a vigência de atores capazes de intervir e definir práticas coletivas com base em decisões democráticas.

As cidades aparecem também, neste início de século, como campos articulados de interesses econômicos e tecnológicos. Sendo assim, emerge uma revalorização de espaços internos às metrópoles consideradas como fontes de investimentos vindos de vários campos da atividade social. É nesse contexto que se revela a cidade-síntese que, de acordo com a pesquisa de Ribeiro e Garcia (1996), feita em Curitiba,



expressa um território articulado de práticas e interesses econômicos e políticos acompanhados de investimentos simbólicos que lhe servem de suporte.

Imagens da cidade a serem consumidas são também indutoras de especializações que atuam como amostra de vocações. Surgem, assim, as cidades turísticas, aquelas voltadas para o trabalho, as cidades da cultura, entre outras. As contemporâneas parecem, portanto, expressar de modo mais nítido um conjunto de representações e campo de disputas que são evidentes em momentos específicos de intervenções e em situações de campanhas eleitorais municipais. Acenos diversos oriundos de organizações populares, com demandas de participação, são também constitutivos de versões que objetivam tornar a cidade “democrática”, em oposição às dualidades que caracterizam, por exemplo, grande parte das metrópoles brasileiras.

A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES

No curso das transformações atuais do espaço urbano percebe-se que a recuperação de locais e tradições que compõem a “história” de diferentes cidades emerge com intensidade. As cidades parecem construir “palavras de ordem” referentes à preservação, antes que o passado fique apenas retido em memória longínqua, sem o monumento objetivo de referência. Subjacente às estratégias de conservação de espaços, considera-se tanto a valorização das “ruínas”, como a chamada revitalização que muitas vezes aponta novos usos coletivos, sobretudo voltados para o lazer ou consumo cultural.

Recuperar o passado não é, entretanto, voltar no tempo mas reinventá-lo (ver Hobsbawm & Ranger, 1984). Diferente dos usos pioneiros, os equipamentos urbanos viram espécie de “museus” readquirindo novas funções sociais ou políticas. A própria idéia de patrimônio significa a tentativa de “contar” o passado adaptando-o à nova linguagem do presente. Não deixa de

ser sintomático que o centro da maioria das cidades nordestinas seja neste momento alvo de remodelação. Recupera-se o antigo café, o bar, o teatro, a casa de prostituição e com isso se pensa deter a marcha destrutiva da expansão e reformulação de equipamentos e estilos. No plano das sociabilidades objetiva-se reaver antigas formas. As velhas praças, lugarejos e sentidos herdados de uma tradição são reativados e tenta-se, com isso, recompor antigas referências associativas solapadas por uma modernidade que tornou a cidade funcional para o desempenho das atividades produtivas, mas bastante problemática para o convívio humano.

A busca de ativar costumes do passado encontra-se exemplificada no discurso do arquiteto Fausto Nilo:

“Fortaleza é uma cidade com poucas tradições. A minha proposta é a de recuperar um pouco dos hábitos dos cidadãos e criar um contexto paisagístico que possibilite o consumo cultural e que tenha espaços amplos. O Centro Dragão do Mar (3) tenta aproveitar a luz do sol, as paredes brancas, a natureza, oferecendo também ao cidadão o consumo casual. Ele passa por determinados lugares e se sente atraído por determinados bens culturais. Fortaleza é uma cidade onde as pessoas têm poucos hábitos culturais. A idéia é então de criar uma oferta e induzir um tipo de consumo” (4).

Lamentações sobre a desfiguração do espaço urbano ou a busca de recompor a “história” da cidade, através de uma política de preservação do patrimônio, surgem mais recentemente em Fortaleza, desde a década de 90, coincidindo com um grande aumento de edifícios e áreas específicas de lazer e comércio típicos das metrópoles. A “revitalização” do centro da cidade e o tombamento dos antigos prédios respondem a esse fluxo dialético de transformação e preservação que caracteriza a maioria das cidades brasileiras nos últimos anos.

A chamada invenção das tradições não acontece sem um suporte histórico de referência. Nesse sentido é importante uma breve caracterização da cidade de Fortale-

3 O Centro Dragão do Mar constitui um dos exemplos de intervenção urbana efetivados sob a ótica da revitalização. O espaço reúne museus, bares, casa de shows, cinema e escola de arte.

4 Entrevista concedida à autora em maio de 1999.

za. A elevação do povoado à categoria de vila aconteceu em 1726 no dia 13 de abril, data que se tornou espaço anual de comemoração e discussão sobre a história da cidade, reunindo opiniões de especialistas largamente difundidas na imprensa. Com crescimento acentuado a partir do século XIX, Fortaleza torna-se capital, sendo não só centro político do Estado mas centro econômico com o comércio de exportação do algodão e importação de bens manufaturados. A cidade configura-se então cada vez mais como cidade moderna, seja por seu traçado urbano ou pela ampliação de serviços e transportes.

É interessante observar, analisando-se a remodelação urbana de Fortaleza, na virada do século XIX, que a crença no progresso parece subsidiar as estratégias reguladoras da intervenção urbana. A remodelação de praças tradicionais do centro da cidade responde, nesse momento, ao fluxo crescente de uma cidade em expansão. Na perspectiva do arquiteto Liberal de Castro, as reformas urbanas alinhavam-se com reformas produzidas na Europa a exemplo de estilos arquitetônicos adotados. Esse discurso de progresso e modernidade torna-se também hegemônico nas formulações da oligarquia Accioly, desejosa de ampliar suas bases de aceitação (Barros da Ponte, 1990).

A transformação gradativa da cidade em metrópole, hoje quinta maior do país, ocorre reproduzindo características semelhantes a outras cidades brasileiras: crescimento desordenado e convivência simultânea de modernização e pobreza. É sobretudo na década de 1970 que Fortaleza experimenta um processo de verticalização e descentralização de atividades de comércio de lazer. Essa tendência é acentuada nas décadas de 1980 e 1990, ocasião em que a cidade consolida sua condição de metrópole com vocação para o turismo.

Fortaleza hoje possui grande densidade populacional, com quase dois milhões de habitantes e riqueza concentrada nos setores comercial e turístico. Este último representa uma das maiores fontes geradoras de renda, sendo espaço de investimentos públicos de ordem municipal e estadual.

A ampliação da rede de hotéis e oferta de serviços responde a uma fase atual, marcada por diversificação de atividades e oferta de bens de lazer e cultura. O incentivo cada vez maior ao turismo em Fortaleza vem criando um novo discurso de exportação de imagens a serem propagadas e absorvidas para consumo. Duas perspectivas de apresentação da cidade marcam essa dinâmica: a “história” da cidade com seus costumes e produção artesanal e a sua natureza. Enquanto a primeira remete ao reforço e “reinvenção” de costumes e valores, a segunda propõe uma espécie de paraíso, exemplificado e fortalecido na visão de uma região privilegiada por belezas naturais. É nesse momento que as propostas de revitalização ganham maior densidade. A descentralização gradativa de atividades explicitou as diferenças de zonas por oferta de serviços e equipamentos, gerando discursos sobre as desigualdades e a necessária recuperação de áreas tidas anteriormente como nobres, como é o caso do centro da cidade. Em termos de organização das idéias tomo por referência duas formas discursivas que sintetizam, de modo não antagônico, falas e concepções sobre a cidade de Fortaleza: o discurso da preservação e o discurso da transformação planejada.

O DISCURSO DA PRESERVAÇÃO: NOSTALGIA E CRÍTICA SOCIAL

“Não há recanto de Fortaleza, por mais humilde, ou mesmo modificado pelo progresso, que não traga à lembrança uma velha ocorrência oculta nas dobras do passado” (Azevedo, 1992, p. 214).

A idéia de uma cidade desfigurada pelas transformações rápidas exemplificadas na criação de grandes avenidas e transformações de zonas residenciais em espaços que visam racionalizar atividades de comércio e lazer está presente em muitas formulações que atravessam o senso comum,



integrando discursos também proferidos por intelectuais. As transformações rápidas são percebidas como uma espécie de rolo compressor que dá à cidade uma feição homogeneizadora.

O discurso da preservação tem características nostálgicas, presentes muitas vezes na fala dos habitantes. O que a cidade “não é mais” torna-se a tônica de percepções que muitas vezes fazem do passado um momento de felicidade perdida. Discursos de romancistas ou cronistas tentam expressar a idéia de um passado não só perdido como radicalmente diferente da época contemporânea. Assim, o escritor e jornalista Blanchard Girão narra o que seriam as memórias afetivas da cidade de Fortaleza: “Paris era a capital do mundo e Fortaleza era uma cidade clonada, espécie de miniatura da capital francesa, com seus cafés e suas construções *art nouveau*” (*O Povo*, 12/4/99). Prosseguindo em suas memórias, o autor situa personagens e costumes que marcam a história de Fortaleza no início do século:

“Agora temos a Fortaleza Ianque, americanizada, de frouxos blusões e bermudas berrantes, de coca-cola e fast-foods, de sandwishes e cursos de inglês em cada ponto. Uma Fortaleza de espigões barrando o vento marinho, ocupando espaços, na trilha da arquitetura que exportou de Nova Iorque pelo mundo ocidental. Uma cidade que se conduz pelos modismos ditados pela televisão, macaqueando costumes estranhos, falando com sotaque diferente do nosso, dançando música de discoteca, até imitando outros hábitos condenáveis que nos chegam por todos os meios de jato ou pelos satélites”.

Também o escritor Otacílio Azevedo personifica a cidade para narrar as transformações que se avizinham desde o início do século:

“Moça pobre mas vaidosa, Fortaleza ensaiava os primeiros passos nos caminhos do comércio internacional, passando da renda da almofala para a renda francesa,

mandando buscar os melhores figurinos de Paris (5), casimira da Inglaterra, usando manteiga ‘Le Pelletier’ e ‘Betel Freres’ – enfim, procurando divertir-se e mostrar-se nos saraus e festas, cinemas e igrejas”.

Em seguida, o autor anuncia os “primeiros passos rumo ao que viria a configurar-se como cidade moderna: “Pobrezinha descalça, ainda, mas já sonhando com as primeiras calçadas de pedra – o calçamento desigual e áspero, prenunciando as ricas futuras sandálias de asfalto” (Azevedo, 1992, p. 26).

O tom nostálgico dos cronistas aparece de forma mais sutil em discursos que preconizam o efeito das transformações rápidas na cultura e estrutura urbana da cidade. Por ocasião do aniversário da cidade de Fortaleza, o arquiteto Gerson Castelo Branco afirma que Fortaleza, aos 271 anos, é uma cidade sem identidade. Segundo suas palavras: “Ao contrário de capitais como Recife e Salvador, Fortaleza não passou pelo processo revitalizador de suas vilas mais antigas, de suas casas seculares hoje vistas com outros olhos. Ao invés disso, o que temos de patrimônio arquitetônico está espalhado. As pessoas são mal informadas e não valorizam a cultura da terra” (cf. Silva Araújo, *Tribuna do Ceará*, 8/4/79).

Outra perspectiva de crítica social ao crescimento de Fortaleza é consonante com a idéia já tematizada por intelectuais brasileiros de que a cidade funciona como palco de desigualdade social, local de exclusão e pobreza. Em Fortaleza, a cidade seria também reflexo de uma estrutura baseada na concentração de propriedade fundiária. A urbanização pauperizada responderia pela existência de um antagonismo social indutor de diferenças entre a cidade legal e a cidade real. As formulações dessa crítica social questionam inclusive a prioridade conferida a obras turísticas: Praia de Iracema, Ponte Metálica, Centro Cultural Dragão do Mar e Aeroporto. No âmbito dessa postulação crítica a respeito das intervenções urbanas destaca-se a idéia de que elas reproduzem a chamada “Fortaleza dos pobres e Fortaleza dos ricos”.

5 A evocação feita a cidades europeias coaduna-se com as reformas urbanas vividas na França e Inglaterra, países que tinham mais contatos com as cidades brasileiras. Fortaleza contava à época com a presença de capitalistas, técnicos e firmas inglesas e francesas que influenciavam projetos arquitetônicos (Ponte, 1993).

O DISCURSO DA TRANSFORMAÇÃO PLANEJADA: INVESTIMENTO E REVITALIZAÇÃO

A década de 90 é profícua em acenos à revitalização através da fala de planejadores e gestores da cidade. O argumento da revitalização justifica-se pela existência da violência, depredação de antigos prédios, mau uso dos espaços e, enfim, descaso com a preservação do patrimônio expressivo da história da cidade. Trata-se de uma proposta de revitalização que toma o centro (6) da cidade como local por excelência para a recuperação da dignidade do passado.

A chamada decadência do centro é percebida por alguns sinais: perda de habitabilidade, presença de marginais, prostituição e desorganização das atividades de comércio. A própria transferência, para outros espaços, de edificações que abrigavam os postos de poder, como o Palácio do Governo do Estado, Assembléia, Palácio do Bispo e Câmara dos Deputados, concorre para tornar o centro “anacrônico” em oposição à vitalidade de outras zonas da cidade. A opinião de arquitetos sobre a necessidade de revitalização do centro da cidade, difundida pelo jornal *O Povo* de 8/11/99, por ocasião do Fórum Fortaleza 2000, converge em muitos pontos. Trechos das propostas difundidas por arquitetos que têm atuação relevante no espaço urbano são significativos para indicar os sentidos presentes na idéia de revitalização. As propostas anunciadas são as seguintes:

“Recuperação definitiva, radical e corajosa do centro urbano de Fortaleza com a participação indispensável dos governos local, estadual e federal, que têm em toda a sua história acumulada grande responsabilidade sobre a decadência do local” (Fausto Nilo);

“Preservar os locais históricos que também estão sendo degradados. O centro da cidade já é uma demonstração de desprezo total pela história da cidade. De um momento

para outro o que é que se fez? Se matou um rio que foi o nascedouro da cidade, o Pajeú, se matou a presença do forte de Nossa Senhora de Assunção que tem relação histórica (Jorge Neves);

“A identidade da cidade deve ser feita a partir de sua diversidade e não de sua homogeneidade. Aí entraria a unidade do bairro como unidade de planejamento. O bairro deveria ser respeitado em sua identidade física a partir dos costumes e tradições de sua população, de suas festas sagradas, artistas e de toda cultura” (José Lemenhe);

“Evolução do conhecimento sobre a cidade e sua história. Não partir do pressuposto de que o turista que vem para Fortaleza não se interessa pela cultura. Valorizar as avenidas e prédios históricos e disponibilizar material explicativo sobre a cidade. Você passa por aqueles prédios e não sabe a história de nenhum deles” (José Lemenhe);

“É preciso controlar a verticalização, hoje presente nos bairros Aldeota, Papicu e Meireles. Aumentar as áreas verdes públicas” (Joaquim Cartaxo).

Os discursos remetem à idéia de preservação, controle, revitalização, apresentando diferentes sintonias entre a cidade e sua história. Um ponto comum entre as diferentes perspectivas é a busca de recomposição das perdas através de formas efetivas de intervenção.

Um outro momento expressivo de discussão sobre a revitalização do centro da cidade aconteceu por ocasião do fórum Adolf Herbster – Pensando o Futuro do Coração de Fortaleza. A idéia de reunir lideranças e empresários, gestores e especialistas na temática urbana tinha como um dos objetivos colher propostas de intervenção nas zonas centrais. Segundo seus idealizadores (no *folder* da programação geral do evento) o fórum foi pensado como um espaço para o debate de temas ligados ao planejamento e desenvolvimento urbano de Fortaleza. A busca de experiências similares materializou-se na fala do primeiro conferencista do fórum, secretário de urbanismo do Rio de Janeiro, que afirmou

6 O centro é caracterizado como local que congregava anteriormente as atividades de comércio sendo também espaço aglutinador de atividades administrativas.

estar a capital carioca passando por um processo urbanístico que tinha como propósito manter a identidade do centro histórico da cidade (*O Povo*, 13/4/99). O fórum, organizado pela prefeitura, teve na realidade poucos desdobramentos efetivos, funcionando mais como alerta para se pensar formas efetivas de reconstrução do centro da cidade. Embora os significados atribuídos à revitalização fossem distintos, prevaleceu no fórum uma visão de unidade que tanto poderia estar na proposta de congregação de espaços urbanos como nos acentos a uma estética da diversidade.

A idéia de construir uma perspectiva de equilíbrio entre diferentes atividades urbanas está bem presente no discurso do arquiteto Fausto Nilo:

“Gosto da mistura de usos e estilos. Está provado que a cidade com especialização de funções está superada. O indivíduo pega o carro, se desloca para o trabalho e volta. Minha proposição é a de quadras com todos os equipamentos, tendo como exemplo Copacabana. O centro como lugar aglutinador deve no entanto continuar. A gente conhece o lugar agradável pela presença de velhos” (7).

A intervenção planejada encontra um de seus suportes na perspectiva de tornar também a cidade habitável para os turistas. Trata-se de uma concepção que mantém com o passado um diálogo que poderia ser nomeado de invenção. Recuperar o típico alude à idéia de manutenção do lugar. É sob o princípio de apresentação do típico que as práticas sociais se movem, classificando tanto uma ótica de apresentação da natureza como os chamados costumes locais. Nesse caso o turismo pode ser visto como reinvenção da cidade, reproduzindo imagens semelhantes a cartões-postais.

É importante salientar que em 1992 a Embratur lançou o Programa Nacional de Municipalização do Turismo. Esse fato gerou políticas de desenvolvimento local motivando os municípios a buscarem suas vocações específicas. No espaço da municipalidade e do governo do Estado a

“vocação turística” de Fortaleza   mencionada, exemplificando as profundas articula es entre política, interven o planejada e representa es sobre a cidade. Os discursos sobre a revitaliza o acrescidos da perspectiva de controle sobre o destino da cidade aparecem no momento das campanhas eleitorais municipais, ocasião oportuna de pensar e apresentar a cidade.

CAMPANHAS ELEITORAIS – OS ACENOS AO FUTURO DA CIDADE

O momento de campanha eleitoral   particularmente profuso de discursos sobre o espaço urbano, e não seria exagerado afirmar que os pleitos municipais p em as cidades na vitrine, com exposi es que oferecem ao público tanto as imagens de enaltecimento como as de deprecia o. A cidade dissecada em seus espaços de mudança, deteriora o, violência, desigualdade, harmonia e felicidade aparece como uma espécie de caleidoscópio que emerge através de rituais discursivos presentes em diferentes momentos da campanha eleitoral municipal.

As cidades comumente evocadas em campanhas eleitorais aparecem como potenciais objetos de uma interven o política, sendo apropriadas como símbolo de poder e campo de investimento simbólico. Por conseguinte, a gestão da cidade não   mais vista como dependente de a es governamentais de caráter nacional, mas espaço relativamente aut nomo e passível de múltiplas interven es. Nas últimas elei es municipais no Brasil, a grande marca dos argumentos que contemplavam problemas urbanos referia-se   necessidade de realiza o de obras, vistas como parâmetro da boa administra o. Uma espécie de linguagem corporificada nas edifica es apontava a prova de que as “realiza es” tinham seu estatuto de objetividade verificável por qualquer cidadão, sendo comprova o da boa administra o política.

A “linguagem das obras” substituiu o

7 Entrevista concedida   autora em maio de 1999.

descrédito na retórica oposicionista que marcou as eleições do período de reconstrução democrática. A credibilidade política, materializada, sobretudo, no ato de “fazer”, serviu de tema à campanha de 1996 do candidato às eleições municipais de Fortaleza, Juraci Magalhães, cujo *slogan* está contido na frase: “Juraci faz”. Trata-se de um argumento baseado na eficácia, como prova irrefutável de competência, criando um referencial importante para diferentes candidaturas. Mesmo os candidatos de oposição, ao criticarem as obras como expressão de privilégios de alguns cidadãos, desde que beneficiavam principalmente bairros mais favorecidos, não conseguiram sair desse significativo já legitimado do “fazer” como expressão de uma gestão competente. A campanha eleitoral de Juraci Magalhães foi das mais expressivas no país, no sentido de mostrar, com maior fidedignidade, a recorrência a edificações urbanas realizadas em seu primeiro mandato, como forma de capital político.

A outra candidata à prefeitura de Fortaleza absorveu mais nitidamente o discurso da crítica social, apontando a necessidade de planejamento em oposição à proliferação de obras urbanas.

“Não podemos deixar Fortaleza ficar igual ao Rio de Janeiro”, repetia em vários de seus discursos a candidata à prefeitura de Fortaleza, Socorro França, referindo-se ao problema da violência e das desigualdades sociais. Em outra ocasião, a candidata afirmava: “Egoísmo, violência e baixa qualidade de vida é o que podemos esperar em doses cada vez maiores. Não é profecia, tudo isso já aconteceu em outras grandes cidades brasileiras nas quais as prefeituras cuidaram somente das obras e descuidaram das pessoas”.

Os discursos que caracterizam mais nitidamente um lugar de oposição mostram-se menos refratários a uma personificação da cidade, colocando em seu lugar a condição de cidadania como matriz essencial das possibilidades de intervenção. Os direitos dos trabalhadores, a valorização da cultura, a diminuição das desigualdades e a participação aparecem como o lado da cidade

nia a ser construído. A idéia da cidade como espaço de liberdade e criação coloca-se aí mais fortemente, reproduzindo o pensamento de que o cenário urbano é o palco das mobilizações coletivas passíveis de promover mudanças.

Em Fortaleza, os contrastes sociais são enunciados através da radicalidade apontada entre a “cidade dos ricos” e a “cidade dos pobres”, exemplo também recorrente nos demais discursos de campanha eleitoral que buscam explicitar os espaços de contraste, presentes sobretudo através dos temas relativos a saúde, educação e habitação. Modificações políticas recentes, que marcam rupturas com oligarquias tradicionais nomeadas de “coronéis”, fundamentaram opiniões sobre a necessária adaptação da cidade aos “novos padrões de modernidade”. Uma expansão crescente de equipamentos urbanos tem marcado a vida da cidade de Fortaleza nos últimos anos, subsidiando a construção de uma imagem de cidade em decurso de modernização e desenvolvimento. Os discursos políticos de campanha são permeados por essa concepção que impõe a cada candidato a defesa ou o ataque à lógica do empreendimento, considerado como imprescindível ao vigor dos tempos modernos.

Não é, entretanto, somente a ausência de serviços urbanos em sua objetividade que resulta no discurso denunciador. O momento eleitoral funciona como uma espécie de acerto de contas ou renovação de um pacto entre eleitores e representantes só efetivamente dado a público nesse momento. Definir o que a cidade não é, seja por um desvio de sua “natureza próspera” ou pela “falta de vontade política” dos seus governantes, dá subsídios a discursos que enfocam o tema das carências sociais, geralmente acompanhados de proposições de mudança e revitalização.

A explanação de problemas sociais não implica o sentimento nostálgico de impotência. Ao contrário do desencantamento próprio das reflexões presentes na literatura de Benjamin e Baudelaire, ambas marcadas pela impossibilidade de reação aos efeitos sem retorno da modernidade, os



discursos de campanhas políticas são acenos permanentes de possibilidades de mudança. Nesse caso, o desencantamento é substituído pela esperança não apenas baseada em discursos, mas também fundada pela “comprovação” da capacidade de realizar intervenções – as obras urbanas. As interpelações baseadas na valorização da cidadania e participação utilizadas mais fortemente por partidos de oposição mobilizam as esperanças de mudança nas formas organizadas e associativas da sociedade civil.

LINGUAGENS DO PASSADO E DO PRESENTE

Se as representações e práticas que se efetivam no contexto urbano ligam-se à lógica das intervenções e do lugar ocupado por distintos atores sociais é importante também pensar nas significações imaginárias que moldam o próprio conceito de cidade. Isso porque

“as cidades, ao contrário dos povoados e pequenos municípios, são plásticas por natureza. Moldamo-las à nossa imagem: elas, por sua vez nos moldam por meio da resistência que aparece quando tentamos impor-lhes nossa própria forma pessoal. Nesse sentido, parece-me que viver numa cidade é uma arte, e precisamos do vocabulário da arte, do estilo, para descrever a relação peculiar entre homem e material que existe na contínua interação criativa da vida urbana. A cidade tal como a imaginamos, a suave cidade da ilusão, do mito, da aspiração do pesadelo, é tão real, e talvez mais real, quanto a cidade dura que podemos localizar nos mapas e estatísticas, nas monografias de sociologia urbana, de demografia e arquitetura” (Raban, apud Harvey).

É na perspectiva do imaginário e seus efeitos sobre as formas urbanas de intervenção que a cidade dialoga com seu pas-

sado. A era da recuperação de algo perdido e a busca de liames conduzem a discursos sobre o patrimônio, lugar por excelência de negociação entre passado e presente. O passado inventado pode acionar um tempo mítico, uma harmonia perdida ou uma relação com a natureza. Assim pensa Hewinson (1987), referindo-se a paisagens urbanas reconstruídas e reabilitadas típicas da cidade de Londres, nomeadas pelo autor de manufatura da herança:

“O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva; objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais. A continuidade entre passado e presente cria um sentido de seqüência para o caos aleatório e, como a mudança é inevitável, um sistema estável de sentidos organizados nos permite lidar com a inovação e a decadência. O impulso nostálgico é um importante agente do ajuste à crise, é o seu emoliente social, reforçando a identidade nacional quando a confiança se enfraquece ou é ameaçada” (Hewinson, apud Harvey, 1993, p. 85).

O diálogo com o passado é a busca de um referente comum, capaz de disciplinar dinâmicas sociais que parecem mostrar desequilíbrio. No espaço dos vestimentos turísticos, a descoberta de “vocações” e “identidades” expressa um processo de redescoberta do mundo que Denis Cerlet (s.d.) nomeou muito apropriadamente de reencantamento. Segundo a percepção do pesquisador francês, o turismo é um instrumento de reencantamento do mundo, colocando em cena o valor dos patrimônios culturais e naturais que constroem a idéia de identidade.

A perspectiva de acenos à transformação da cidade de Fortaleza encontra forte relação com as administrações governamentais incentivadoras por excelência do turismo cujas pretensões baseiam-se na manutenção de um fluxo permanente de visitantes. Não é por acaso que esse diálogo com o

passado aparece agora de forma bem nítida.

O discurso nostálgico e o discurso da intervenção planejada e revitalização explicam duas formas paradigmáticas de alusão ao passado, ambas comprometidas com a visão mitológica da busca das origens. Na versão nostálgica o fluxo entre passado e presente parece inexistente, ancorando-se em um plano fundamentalista. A história dos princípios (onde tudo começou), constantemente evocada por ocasião do aniversário da elevação de Fortaleza à categoria de vila em 13 de abril, torna a narração um eterno retorno ou reminiscência de um passado que não se cruza com o atual cotidiano. Festeja-se o aniversário e relembra-se a história tal qual um ritual de consagração.

Em um outro sentido, a readaptação do passado aos novos tempos, através de acentos à “revitalização”, supõe a possibilidade de construção de liames temporais dotados de narrativas múltiplas. Os apelos turísticos, as intervenções urbanísticas ou as projeções arquitetônicas buscam, cada qual a seu modo, fortalecer a identidade urbana, guardando o seu quinhão de passado. É nesse âmbito que a idéia de patrimônio suscita uma espécie de afinidade eletiva com a noção de mito que “tem a sua disposição uma massa ilimitada de significantes” (Barthes, 1989, p. 141).

Imagens dessa percepção de patrimônio podem ser encontradas atualmente em Fortaleza a partir da criação de centros de lazer com referente em equipamentos que tiveram outras funções no passado: a Ponte dos Ingleses (8), o Estoril (9), o Centro Dragão do Mar. A tentativa é a de reinventar o passado, recuperando, de forma simbólica, a “história” do equipamento, introduzindo novos hábitos e pondo em destaque a dimensão estética. Na perspectiva de Gondim (1998, p. 11), a construção do Dragão do Mar enquadra-se na perspectiva de um projeto que “pretende articular turismo, renovação urbana e política cultural”.

Uma das ricas discussões sobre as formas de relacionar passado e presente encontra-se na polêmica entre os chamados modernos e pós-modernos. Enquanto para os primeiros a ruptura com a tradição

projeta-se em um tempo futuro, encontramos entre os pós-modernistas a valorização da diversidade de estilos, a mistura de tempos nos quais o passado aparece como texto a ser citado sem a ordem hierárquica de prioridades. A pós-modernidade é vista como a era do pastiche, do simulacro que tem na cidade contemporânea sua expressão mais evidente (Jameson, 1994).

Fortuna, refletindo sobre as ruínas da cidade e a transformação do cotidiano, indaga se “serão as ruínas, os monumentos e os museus manifestações espaciais e artefatos que decoram a cidade que habitamos, ou ao contrário, serão eles elementos históricos, artísticos e culturais que atualizam o passado e lhe dão vida?” (Fortuna, 1997, p. 131). Se a resposta à pergunta supera a visão essencialista do passado há que se pensar nos fluxos históricos distintos, não restritos a dinâmicas locais, que estão também circunscritos a lógicas interativas mais amplas que os estudiosos designaram por globalização. Um dos exemplos dessa perspectiva de recomposição de imagens, tendo como referência a cidade a ser vista por “outros”, está no turismo, onde o consumo opera como elemento importante e indutor de intervenções e programas políticos de longo alcance.

Os discursos construídos sobre a cidade respondem a diferentes momentos e interesses veiculados por diferentes atores sociais. Uma negociação entre o que se preserva e o que se modifica parece indicar o estabelecimento de “diálogos” que vão adquirindo nuances diferenciadas, conforme os tempos e atores envolvidos nos destinos da cidade. Observa-se, portanto, a existência de diferentes articulações estabelecidas entre a cidade e seu tempo. Diálogos temporais com o passado ou projeções de futuro são construídos não apenas como via para se pensar a formulação de uma identidade, mas sobretudo para revelar as características discursivas de atores urbanos nesse final de século.

Por fim, gostaria de citar um personagem da rica literatura de Calvino que a meu ver contém a imagem metafórica da busca de algo que se perdeu no passado.

8 Ponte construída por firma inglesa no início do século, restaurada em 1994 como zona turística.

9 Restaurante da época da Segunda Guerra Mundial, transformado em recanto boêmio.

“Esse Marcovaldo tinha um olho pouco adequado para a vida na cidade: avisos, semáforos, vitrines, letreiros luminosos, cartazes, por mais estudados que fossem para atrair a atenção, jamais detinham seu olhar, que parecia perder-se nas areias do deserto. Já uma folha amarelado num ramo, uma pena que se deixasse perder numa telha não lhe escapavam nunca; não havia mosca no dorso de um

cavalo, buraco no cupim numa mesa, casca de figo se desfazendo na calçada que Marcovaldo não observasse e comentasse, descobrindo as mudanças de estação, seus desejos mais íntimos e misérias de sua existência.”

Esse personagem anacrônico, presente no contrafluxo da vida urbana, pode materializar a busca do passado.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Otacílio. *Fortaleza Descalça*. 2ª ed. Fortaleza, UFC, 1992.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que É Sólido se Desmancha no Ar, a Aventura da Modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1982.
- CALVINO, Ítalo. *Marcovaldo e as Estações na Cidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e Cidadãos, Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.
- CASTELLS, Manuel; BORJA, Jordi. “As Cidades como Atores Políticos”, in *Novos Estudos. Cebrap*, 45. São Paulo, 1996.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- DUBOIS, Claude Gilbert. *O Imaginário da Renascença*. Brasília, UnB, 1995.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo, Stúdio Nobel, 1995.
- FORTUNA, Carlos. “As Cidades e as Identidades. Narrativas, Patrimônios e Memórias”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 33. São Paulo, Anpocs, fev./1997.
- GEERTZ, Clifford. *O Saber Local, Novos Ensaios de Antropologia Interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 1999.
- GONDIM, Linda. “O Dragão do Lazer e da Cultura Invade a Praia de Iracema”, in V Seminário de História da Cidade e Urbanismo. PUC/Campinas, 14-16 de outubro de 1998.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Os Patrimônios Culturais como Gênero de Discurso”, in IX Encontro de Ciências Sociais Norte/Nordeste. Natal, 1999.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna: uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. São Paulo, Loyola, 1989.
- _____. “Espaços Urbanos na Aldeia Global: Reflexões sobre a Condição Urbana no Capitalismo no Final do Século XX”, in *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, 4. PUC/Minas Gerais, maio de 1996.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- JAMESON, Frederick. *Espaço e Imagem, Teorias do Pós-moderno e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.
- LAPLANTINE, François. *Les Trois Voix de l’Imaginaire*. Paris, Editions Universitaire, 1974.
- PONTE, Rogério Sebastião. *Fortaleza Belle Époque, Reformas Urbanas e Controle Social 1860-1930*. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1993.
- RIBEIRO, Ana Clara T.; GARCIA, Fernanda Sánchez. “City Marketing: a Nova Face da Gestão da Cidade no Final do Século”, in Elisa Reis, Peter Fry e Maria Hermínia Almeida (orgs.). *Política e Cultura: Visões do Passado e Perspectivas Contemporâneas*. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1996.